

ESCUA SENSÍVEL E AUTO - FORMAÇÃO

Silmara Lídia Marton*

Resumo

O artigo é uma síntese da tese de doutorado em Educação *Paisagens sonoras, tempos e autoformação* (2008). Argumenta em favor de uma formação pautada na “lógica do sensível” (Lévi-Strauss) que tem na escuta perto da natureza um de seus pilares epistemológicos fundamentais. Essa forma de pensar e viver reconhece na autoformação (Edgar Morin), e no exercício de construção, pelo sujeito, de suas próprias *paisagens sonoras* (Murray Schafer), dois operadores cognitivos capazes de nutrir os princípios da diversidade, da complexidade, da interdependência e do respeito à natureza (Fritjof Capra). Expõe as “lições” de escuta aprendidas com Francisco Lucas da Silva, morador da Lagoa do Piató (Assú/Rio Grande do Norte), cuja tradição oral apresenta o que designamos como escuta sensível.

Palavras-chave

Escuta sensível – Auto - formação - *Paisagens sonoras*

Abstract

The article is a synthesis of the thesis in Education *Paisagens sonoras, tempos e autoformação* (2008). It argues in favour of a formation based on the “logic of sensitive” (Lévi-Strauss) whose has in listening close to the nature one of the fundamental epistemological pillars. This way of thinking and living recognizes in the self-formation (Edgar Morin), by the subject, of their own *sonorous landscapes* (Murray Schafer), two cognitive operators able to nourish the diversity, complexity, interdependency and respect to nature principals (Fritjof Capra). It shows the ‘lessons’ learned with Francisco Lucas da Silva, resident of the Lagoa do Piató (Assú/Rio Grande do Norte), whose oral tradition shows what we call sensitive listening.

Key Words

Sensitive listening – Self-formation – *Sonorous Landscapes*

Meu interesse por temáticas que articulam música e educação ganha contornos objetivos no período de 2003 a 2005, quando realizei a pesquisa de mestrado como membro do Grupo de Estudos da Complexidade - Grecom, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. A pesquisa resultou na produção da dissertação *Música, filosofia, formação: por uma escuta sensível do mundo* (2005). O argumento principal ali exposto era o de que a arte musical possibilita, mais que a palavra e o texto escrito, vivências afetivas, físicas e psíquicas no sujeito, desencadeando estados de ser e experiências estéticas e éticas singulares, que repercutem numa formação humana mais totalizadora. A música pode ser entendida como uma grande metáfora da vida humana. A melodia permite a experimentação dos estados de coesão, de conexão mais plena entre sentido e intenção, começo e fim. A música reata homem e natureza,

fazendo aflorar a audição interior, o encontro do sujeito consigo mesmo, aciona o diálogo entre sensibilidade, ética e estética, ordem e caos, silêncio e ruído, repetição e variação. Na dissertação, procurei explicitar como os pólos sujeito e objeto, homem e mundo, discurso científico e mito, ciência, arte e filosofia, e vida e idéias são co-tecidos nas vivências musicais. Porém, ainda me perguntava, metaforicamente, no fim da pesquisa: quais são as notas? Como suscitar entre nós uma escuta do mundo como aquela que a música é capaz de produzir, uma vez que vivemos enclausurados numa sociedade embriagada de enorme desassossego, solidão e impaciência?

Em *Paisagens sonoras, tempos e autoformação* (2008), tema da pesquisa de doutorado realizada novamente junto ao Grecom (2005-2008) e ainda sob orientação da Dra. Maria da Conceição de Almeida (UFRN), afirmamos a necessidade de uma pedagogia da escuta agora a

partir de uma concepção mais alargada: a atenção do sujeito para escutar o seu entorno, o seu lugar e a si mesmo. Trata-se de uma aposta nas nossas próprias e singulares estratégias para lidar com esse mundo conturbado que tende a sufocar nossas potencialidades sensíveis, mas não por completo. Exercitando permanentemente a construção de suas próprias paisagens, o sujeito é capaz de resistir à massificação dos sentidos impostos pela cultura. Nessa direção, a escuta institui uma determinada forma de pensar o mundo em sintonia com um ritmo mais vagaroso, imprescindível à reorganização do padrão do conhecimento humano.

Falamos de uma formação pautada na “lógica do sensível” (Lévi-strauss, 1976) que tem na escuta perto da natureza o seu pilar epistemológico fundamental. Sabemos que todo o conhecimento construído pela humanidade está sustentado numa mesma estrutura antropológica. Possuímos dois modos de estruturação do pensamento: o *simbólico/mitológico/mágico* e o *empírico/técnico/racional* (Morin, 1999). Sabemos também que todo o conhecimento se concebe a partir do sujeito, cujas experiências do sensível como cheirar, tocar, degustar, observar, sentir, ouvir e ver são acionadas mediante as conexões com o mundo fenomenal. Neste sentido, são as sociedades mais afastadas do paradigma da globalização e mais próximas da natureza que têm exposto com muito maior evidência essa escuta. Suas formas de conhecer se pautam numa relação mais simbiótica entre o homem e seu contexto. Ganham ênfase aqui os *saberes da tradição* (Almeida, 2001), os conhecimentos e práticas das sociedades e grupos comunitários que expõem múltiplos modos de pensar e expressam um diálogo aberto entre mito, filosofia natural e uma ciência primeira.

Uma chave importante da pesquisa de doutorado foi o livro *A afinação do mundo* (Schafer, 2001). O autor procede a uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. Sua definição de “paisagem sonora”, que é uma tradução do neologismo “soundscape”, criado por ele, diz respeito à “qualquer campo de estudo acústico, que pode ser uma música, um programa de rádio ou um ambiente acústico” (Schafer, 2001, p. 23). Schafer mostra de que maneira evoluiu a paisagem sonora do mundo e, proporcionalmente, como isso afetou o comportamento humano. Argumenta

que a tecnologia, à medida que se diversifica, amplia e se desenvolve, traz consigo a superpovoação de sons do mundo e sua homogeneização e, em consequência, o domínio e o monopólio de uma certa paisagem sonora ocultando e diminuindo a variedade de outros sons, que são justamente as “espécies em extinção” na contemporaneidade, em sua maioria, os sons da natureza. A partir desses cenários, Schafer afirma a necessidade de proteção desses sons, do mesmo modo que a natureza deve ser protegida.

Na mesma direção, argumentamos que preservar os sons da vida com a sua rica e abundante diversidade é proteger não só a natureza do meio ambiente, mas também a nossa *arquê*, aquele estado nascente primeiro e permanente que, para Morin, antecede toda e qualquer atividade do pensamento e, ao mesmo tempo, o anima continuamente.

Uma escuta sensível como forma de pensar o mundo reconhece na autoformação (conhecimento construído pelo sujeito a partir do seu contexto) e na construção das *paisagens sonoras*, duas estratégias cognitivas fundamentais. Compreendemos assim a autoformação como a construção, pelo sujeito, de suas próprias paisagens.

0 TURBILHÃO DO MUNDO METROPOLITANO

O mundo ocidental contemporâneo é marcado pelo paradigma da globalização e condicionado por tempos/ritmos de aceleração, individualismo e desenraizamento histórico. O espaço signo deste tipo de vida é a metrópole. Suas paisagens se caracterizam pelo excesso da poluição sonora, visual e olfativa e pelo desapego e distanciamento afetivo.

Podemos dizer que a poluição visual e sonora das grandes cidades se coaduna com a poluição da pressa e a ausência de apego, que têm se expandido de modo vertiginoso. Essa poluição não esgota somente o campo sensorial dos nossos corpos, como também exaure os sentidos da vida humana. Estamos ensurdecidos. Nossa audição, o sentido mais primitivo de todos e pelo qual conseguimos adquirir noção de tempo, equilíbrio e orientação no espaço, está enfraquecida e atrofiada em nosso presente (Catunda, 1998). A aceleração, como afirma Dietmar Kamper (1997), se transformou no “emblema da vida moderna”. Vivemos, sustenta Maria da Conceição de Almeida,

a cultura da pressa. Contextualizando parte de um poema de Teresa Vergani - “os homens correm, enquanto as árvores crescem” -, Almeida acrescenta que, diferentemente das árvores, que dependem do solo para viver e do sol para produzir fotossíntese, os homens exibem trajetórias de vida que recusam o enraizamento, a construção de laços afetivos e a dependência do outro (Almeida, 2005, p. 32). A própria velocidade com que são vividas as experiências afetivas, como encontros fugidios e fugazes, demonstra situações de solidão e de desapego social. Essa história individual se repete mais amplamente no desenraizamento da própria história que foi sendo gerada coletivamente pelos nossos antepassados.

Sem raízes mais profundas, somos facilmente arrancados do solo de uma história passada que vai perdendo sentido, que não nos diz mais quase nada. As ruas de nossas cidades estão povoadas por crianças sem história, por homens e mulheres sem pertencimentos, desprovidos do sentido do futuro, descolados de qualquer território, com projetos reduzidos a sobreviver a cada dia (Almeida, 2005, p. 31).

Se observarmos a etimologia da palavra *metrópole*, temos que o prefixo *metro* significa matriz, útero ou ventre, e o sufixo *pólis*, cidade. Sendo assim, *metrópole* é a “cidade-mãe” de um país, uma província, uma região. O prefixo da palavra evoca a idéia de nascimento. Também *natureza*, que deriva do latim *natura*, advém de uma raiz do participio passado de *nasci* – nascer. Assim, em parte, a palavra *metrópole* está associada a esse sentido originário de natureza, como condição básica de todo o ser vivo e à qual está permanentemente integrado por laços afetivos e efetivos.

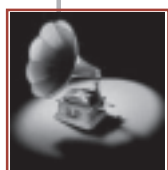
No entanto, ao contrário da dimensão primeira que o prefixo evoca, a *metrópole* é um modo extremamente complexo de organização espacial das sociedades contemporâneas que surgiram a partir da Revolução Industrial e têm na exploração da “natureza-mãe” seu principal mecanismo de sustentação e destruição. O processo de urbanização das *metrópoles* e a dinâmica do desenvolvimento capitalista determinam rígidos e intensos controles do meio ambiente pelo homem, por meio da realização de atividades econômicas, industriais, comerciais e de serviços voltadas para o acúmulo do capital.

Acoplado à natureza tornada mercadoria, também o homem se torna uma “coisa” e perde o sentido de sua história. É cada vez mais difícil visualizar nas cidades elos que entrelacem seus habitantes a um passado comum e que transcenda suas muralhas. O mundo, como enfatiza Michel Serres (2003, p. 83), foi tão modificado pelo Ocidente que as sabedorias de nossos ancestrais com suas culturas, ciências, vida social, artes, línguas e religião não oferecem mais contexto de espaço e tempo.

Até as datas citadas, práticas e ciências, artes e religião, línguas e culturas floresciam com a agricultura e a partir dela; um ferreiro, comerciante, militar, sacerdote, juiz, advogado, político, até mesmo um inventor ou um economista que vivessem na cidade, além de exercer uma profissão, possuíam experiência mais direta do próprio modelo da atividade humana e de sua relação com o mundo, modelo que, aliás, continua a ser o mesmo para um bilhão e meio de pessoas. Nos dias de hoje, tanto os homens de decisão como os que são por eles administrados perderam qualquer ligação com a terra e com os seres vivos da flora e da fauna. Sua visão de mundo perdeu o mundo (Serres, 2003, p. 82).

Nossa relação com a imensidão do cosmo aparentemente se tornou mais próxima, mediada por eficientes aparelhos científicos, haja vista os grandes telescópios e satélites dos quais dispomos; no entanto, não temos uma relação de proximidade, intimidade, familiaridade com a terra plantada, cultivada, que cobriu grande parte de nossos antepassados. Ignoramos o valor do caminho que nossa espécie percorreu até aqui. “A Terra, no sentido do planeta fotografado em sua globalidade pelos cosmonautas, tomou o lugar da terra, como a gleba cotidianamente trabalhada” (Serres, 2003, p. 82).

A vida na *metrópole*, e que constitui atualmente o estilo da maioria da população mundial, aliena o ser humano de sua história antropológica universal. Ele “ignora como foi esculpida a paisagem” (Serres, p. 82). Paisagem não é algo que se percebe, como argumenta Erwin Strauss, é algo que se sente (Strauss apud Besse, 2006, p. 79), envolvendo participação, sensação, ambiência e prolongamento. Pressupõe sempre a existência de um horizonte que, pela presença,



obriga a passagem pelo local. “A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, ‘selvagem’, numa primitividade que precede toda instituição e toda significação” (Strauss apud Besse, 2006, p. 80).

A humanidade perdeu esse mundo vital, o mundo natural, ou seja, o Céu e a Terra que são a base originária das referências mais fundamentais de todo o pensamento e ação e pelas quais experimentamos as modalidades do perto e do distante, do centro e do periférico, do horizontal e do vertical (Besse, 2006). Na metrópole, o ser humano se distancia da relação viva com a natureza, porque ela não o envolve imediatamente. Assim, a natureza não subsiste como mundo para ele.

Cabe, nesse sentido, destacar as observações de Edgar Morin (2003) acerca do desenvolvimento de nossa civilização atual que chegou ao limiar de sua insustentabilidade.

A MUNDIALIZAÇÃO

Vivemos numa época problemática, a era planetária, iniciada no século XVI, quando da destruição e escravidão dos povos das Américas e da África pelo Ocidente europeu, acompanhadas da inserção de armamentos, doenças, tecnologias e ideologias; e em fase de mundialização, desde o século XX, com a ocorrência das duas guerras mundiais, grandes crises econômicas e o avanço da economia liberal que é um fenômeno generalizado em todo o planeta.

O mundo torna-se cada vez mais um todo. Cada parte do mundo faz, mais e mais, parte do mundo e o mundo, como um todo, está cada vez mais presente em cada uma de suas partes. Isto se verifica não apenas para as nações e povos, mas para os indivíduos (Morin, 2003, p. 67).

Se, por um lado, essa mundialização permitiu a unificação através da disseminação de informações, inovações tecnológicas, circulação ampliada de produtos e serviços, por outro lado, é essencialmente marcada pela divisão conflituosa entre os Estados-Nações, pobres e ricos, países do Norte e países do Sul, Oriente e Ocidente, modernidade e tradição. A miséria e a exploração das terras, matérias-primas e sabedorias de muitos

povos se aprofunda na mesma medida em que se consolida a unificação e a homogeneização planetárias. Vivemos ameaçados pelo perigo da extinção da vida do planeta.

Sejamos metropolitanos ou não, degustamos os sabores, os sons, as cores, as imagens que rodopiam no mundo. Talvez, por instantes, apreciemos nas cidades a elegância das obras de arte dos seus museus, a beleza natural dos seus parques ecológicos, a intensa efervescência cultural de seus centros... Isso é necessário, pois permite deslocamentos cognitivos imaginários vitais. Mas como exercemos nosso poder de decisão sobre os bens materiais e as informações dos quais dispomos?

Precisamos desenvolver uma escuta como o exercício permanente da construção das próprias paisagens pelo sujeito, seus lugares de inscrição no mundo, operando como uma resistência ao tumulto da contemporaneidade.

Mostrando que nossa história é um processo permanente de desordem, ordem e reorganização, Morin vislumbra novas aspirações éticas pacificadoras, ecológicas e de resistência ao estilo de vida utilitário, materialista e consumista. Essas aspirações são contracorrentes regeneradoras. Diversos movimentos surgem em busca de uma identidade ancestral. Eles pulsam em vários pontos do globo, inclusive nas metrópoles, mesmo que mediada pela informação, pela mídia e pelas traduções racionalizadoras do conhecimento científico. Dessa perspectiva, podemos afirmar que a metrópole ainda é um campo poroso a outras modalidades mais totalizadoras de inscrição no mundo mais afeitas ao exercício de uma ética de diversidade.

As culturas marcadas pela vida perto da natureza também são atingidas pelas interferências econômicas, políticas, tecnológicas e ideológicas do processo de mundialização, mas de maneira muito mais lenta, na maior parte das vezes. No entanto, com suas formas intuitivas de pensar e

viver preservadas ao longo de muitas gerações, as culturas tradicionais nutrem, fortificam e aprofundam o sentido mais originário de uma consciência da identidade terrena, alimentada por “um sentimento de pertencimento mútuo que nos une à Terra, considerada como primeira e última pátria” (Morin, 2003, pp. 75-76). Não somente assimilando de fora para dentro, mas principalmente de dentro para fora o sentido do mundo, esse estilo de viver implica uma consciência antropológica que nos unifica, uma consciência ecológica que nos identifica com todos os outros seres da biosfera, uma consciência cívica terrena calcada na ética da responsabilidade e solidariedade mútua e uma consciência espiritual da condição humana evocada pela capacidade de nos integrarmos conjunta e singularmente com nossas virtudes e erros, ignorâncias e sabedorias. Compreender a condição humana exige conhecer sua inscrição no universo, na natureza, no domínio vivo, tanto quanto sua singularidade.

Precisamos reconhecer que a unidade de nossa espécie inclui a diversidade, na sua variedade biológica, psicológica, cultural e social. Temos que reconhecer nos dois pólos de pensamento – *racional-empírico-técnico e simbólico-mítico-poético* – um forte sinal de nossa complexidade, ambigüidade e incerteza. Mostrando que não é a incerteza que nos cega, mas a certeza, Edgar Morin nos instiga a exercitar o pensamento complexo, cujo princípio se vale da própria natureza de nossa condição para integrá-la como fonte de conhecimento, esperança e criação.

ESCUA COMO RESISTÊNCIA

Para Murray Schafer, escutar as paisagens sonoras do mundo contemporâneo é um importante indicativo para projetarmos o que desejamos e não desejamos para as sociedades. Os sons do mundo retratam como estamos vivendo. Ora, se estamos num mundo cujo contexto é marcado pela superabundância de ruídos, homogeneização e obscurecimento e, mais do que isso, ocultamento dos sons mais naturais, mais próprios de uma vida contemplativa, então estamos barulhentos e acelerados demais. Precisamos experimentar, também, o ritmo vagaroso próprio do tempo biológico, sustentáculo da vida humana e da vida em geral.

Talvez estejam aqui as bases das proposições defendidas pelo grupo de

pesquisadores que, ao lado de Fritjof Capra (2006), propõem a desaceleração dos processos educacionais através da substituição da *fast school* por uma *slow school*. A *fast school* caracteriza-se pela exigência da assimilação rápida e precisa dos conhecimentos; pela avaliação de desempenho com base em critérios determinados por conteúdos específicos; pela imposição da passagem do aluno de um nível a outro sem o seu devido acompanhamento; e pela reprodução de uma lógica pragmática no interior do contexto escolar, que obriga os alunos e professores a atenderem determinadas metas e “prestarem contas” à instituição com resultados rápidos e adequados aos padrões esperados (Holt, 2006). A esse modelo de escola que tem imperado em nossa sociedade, esses pesquisadores se contrapõem, defendendo um novo conceito de escola, a *slow school* ou *escola desacelerada*, que deve ser o lugar onde se nutram as mentes com valores que incluem a filosofia, o respeito à comunidade, à diversidade e à complexidade e o exercício ético (Holt, 2006). Para isso, é necessário vivenciar um tempo mais vagaroso de digestão dos conhecimentos e das experiências.

Precisamos desenvolver uma escuta como o exercício permanente da construção das próprias paisagens pelo sujeito, seus lugares de inscrição no mundo, operando como uma resistência ao tumulto da contemporaneidade. Em complementaridade ao ritmo da aceleração, essa escuta prima, reforça o “slow” sugerido por Fritjof Capra, o tempo do vagar, do ruminar. Falamos de uma escuta aberta, polifônica, atenta às paisagens do lugar, numa perspectiva de formação complexa que rediscute a lógica do processo civilizatório atual e se vale das múltiplas estratégias de pensamento e saberes. A diversidade é imprescindível à sustentação do cosmo.

A ESCUTA DE UMA PAISAGEM

De posse desses argumentos e, principalmente, em decorrência dos encontros com os moradores da Comunidade de Areia Branca na Lagoa do Piató (Assú, Rio Grande do Norte) no período de 2006 a 2007, reafirmamos a tese de que estilos de pensamento que incluem as categorias do sensível são acionados pela aproximação direta com a natureza e se configuram em portadores de uma educação mais polifônica, aberta e complexa. Essa pesquisa de doutorado

esteve atrelada a uma pesquisa mais ampla iniciada há mais de duas décadas na referida região. A experiência desse compartilhamento entre ciência e tradição pode ser conhecida no livro *Lagoa do Piató: Fragmentos de uma história* (2006), um dos registros narrativos fundamentais dessa paisagem rica e abundante que é a Lagoa do Piató e das histórias de sua gente.



Nas últimas décadas, modificações de toda ordem advindas do processo de modernização agrícola agrediram essa paisagem, causando extrema fragilidade no ecossistema local e nos estilos de vida das famílias dos pescadores ali residentes. No entanto, sentidos imputados aos acontecimentos da natureza e modos de interpretar e resolver problemas vêm sendo mantidos e aperfeiçoados por alguns desses habitantes da Lagoa. É o caso do potiguar de 65 anos Sr. Francisco Lucas da Silva, mais conhecido como Chico Lucas. Nos desafios postos no percurso de suas caminhadas na mata, na contemplação das águas da Lagoa, do céu e das estrelas, nas atividades diárias de pesca e agricultura realizadas sob o ritmo do dia e da noite, são acionadas formas de pensamento que respeitam o ciclo da vida e que conduzem à reorganização do padrão do conhecimento humano. A cada encontro com Chico Lucas aprendemos uma nova lição e descobrimos sentidos e significados mais profundos e amplos para o termo “escuta sensível”.

No percurso do primeiro encontro, a que chamo na tese de *Quando escutar é prestar atenção*, escutei desse filósofo da natureza: “presto atenção a tudo desde quando era criança”.

Fiquei atenta a essas palavras. Percebi que conhecer é sempre reconhecer. Entre muitas coisas aprendi uma primeira lição: prestar atenção exige silêncio. Na Lagoa, assim como nas paisagens guiadas por sons mais arquetípicos e fundamentais como aqueles descritos por Schafer (2001), cujos ritmos são condizentes com os padrões da natureza, há tempos que precisam ser respeitados: tempo de semear, cultivar, colher, descansar. A paisagem que inicialmente eu escutava, os sons propriamente ditos como o ranger da porteira, o chocalho no pescoço das vacas, o vento nas folhas das carnaubeiras, o canto do galo, a sonoridade das falas, o canto dos pássaros, migravam por todos os meus sentidos. Há, portanto, a necessidade de prestar atenção, deixar que a paisagem nos absorva. A natureza expande os sentidos do corpo e da alma. É preciso calma, disciplina, paciência. Isso nos leva a silenciar nosso barulho interior, como recorda Daniel Munduruku (2005). Leva a auto-escuta. O silêncio parece circular. É um ato de preservação de nossa existência indissociada de uma história ancestral que nos sustenta.

No *Segundo encontro: quando escutar é percorrer paisagens afetivas*, conheci com Chico Lucas as suas paisagens rurais, entre elas a vazante, lugar no qual ele semeia, cultiva e colhe, mas também pensa sobre o sentido de sua existência. Lá, Chico Lucas relembra seus avós, seus pais, sua infância, e recorda seus afetos. Não se sente só, como ele mesmo diz. A t(T)erra é reverenciada com afeto. Percorri paisagens musicais ao escutar as memórias dos vaqueiros. Fui levada a evocar poetas e cancioneiros. Escutei as suas lembranças dos tempos de engenho, dos carros-de-boi, dos aboios. Evoquei as minhas próprias paisagens, entre elas as canções que me introduziram no conhecimento de outras sonoridades do mundo não circunscritas no contexto metropolitano. Percebi que todos nos ligamos através de nossas paisagens distintas. As paisagens abundantes em beleza natural nos levam a percorrer as paisagens da alma. É importante repetir este gesto, pois torna a vida mais suportável.

Terceiro encontro: quando escutar é acompanhar o ritmo da natureza. A permanência da família de Chico Lucas na Lagoa do Piató, como de tantas outras famílias, é uma história de resistência. A preservação da natureza, o respeito ao patrimônio local, as práticas agrícolas e de pesca, a aprendizagem e reformulação de métodos e saberes em simbiose com as mudanças da

natureza, a construção e aprimoramento dos instrumentos de trabalho, a criação de alternativas à vulnerabilidade da natureza, da economia local e das intervenções externas, são expressões vivas dessa história. Vemos que a relação entre a escuta e o ritmo da natureza opera como que um princípio ético, uma vez que escutar sensivelmente é entrar em sintonia com os ritmos naturais, implicando em formas específicas de agir e pensar.

Os ritmos marcados por ciclos biológicos repetitivos fazem pulsar o cosmo do qual somos filhos e parte. Eles encerram em nós uma qualidade distinta de estar no mundo. Percebi que Chico Lucas, nas suas longas caminhadas, observando os sinais da natureza, o faz de modo musical, com ritmo e movimento. Migra entre distintas realidades. Faz analogias. Ele compreende haver uma ética de parceria entre todas as espécies. Aprendi nessas caminhadas que precisamos dar vazão a essa nossa natureza criadora.

Quarto encontro: quando escutar é compartilhar. A escuta não é uma ação solitária, mesmo que precisemos nos recolher, às vezes. Impõe prestar atenção a distintos modos de expressão e existência. Neste quarto encontro estive na “Casa da Memória do Piató Chico Lucas” que materializa o compartilhamento de idéias e experiências entre os pesquisadores da universidade e os moradores da Comunidade Areia Branca, na Lagoa do Piató. Esse diálogo entre ciência e tradição opera uma resistência à homogeneização dos padrões de vida e pensamento impostos pela ocidentalização do planeta e instiga o exercício da compreensão do mundo articulando distintos padrões de interpretação.

Quinto encontro: quando escutar é operar bifurcações. Neste encontro, tivemos uma experiência que é assim descrita e expressa bem o sentido de bifurcação.

No dia seguinte pela manhã, passeamos de barco até a “croa”, uma imensa pedra que fica próxima às margens do Porto do Piató, preenchida de muitas galerias. Durante algum tempo, ficamos contemplando uma de suas formações, que ora parecia o rosto de “um velho leão adormecido”, ora o “rosto de Cristo da Serra do Marfim”, ora “a lateral do rosto de uma pessoa”, ou ainda “os olhos e lábios cerrados de alguém” – as múltiplas faces de uma mesma obra de arte. Íamos produzindo analogias à medida que tentávamos imaginar que imagem de rosto

seria aquela. E isso ampliava e aprofundava o nosso olhar. Percorrendo as laterais e crateras da velha pedra, também íamos reconstituindo sua história de vida que seguira os princípios da “desordem” e da “auto-organização” (Marton, 2008, p. 127).

A *bifurcação*, como designa o físico-químico Ilya Prigogine (2001), é a geração de novas situações a partir de condições inaugurais. Isso ocorre com fenômenos físicos e sociais. Imersa no contexto metropolitano, lugar de grandes desequilíbrios, que sufoca os ritmos mais genuínos da vida, como reorganizar meu entorno na perspectiva da escuta sensível? Como operar minhas próprias bifurcações? Eu havia conhecido um lugar onde esse ritmo é vivenciado. As lições de escuta de Chico Lucas me diziam possuir uma musicalidade que traduz um determinado modo de pensar, uma epistemologia sonora cujas propriedades, como na arte musical e, mais precisamente, na música modal, estão presentes. Essa musicalidade sugere um “*éthos*”, uma atitude diante da vida.

CRIANDO NOSSAS PRÓPRIAS PAISAGENS

Em *Para uma escuta sensível na escola*, última parte da tese, retomo os encontros na Lagoa, identificando propriedades análogas da estrutura musical e, em particular, ao estilo modal, estilo de música produzido por tradições pré-modernas que aproveita o ruído como forma essencial de sua expressão (Wisnik, 1989). Esse estilo musical é marcado pela recorrência sonora e pelo ritual; conjuga pulso, silêncio e ruído. É circular. Impõe uma escuta mais vagarosa, profunda. Indissocia corpo e som. Inclui imaginação, sacralidade e diversidade. Da articulação entre essas propriedades e minhas experiências de escuta na Lagoa do Piató, propus desdobramentos em forma de propostas experimentais da escuta sensível para o contexto escolar. Exibo cinco lições de escuta num todo integrado e circular, mostrando que essas lições se interpenetram, decorrem umas das outras. Chamo-as de *Movimentos da escuta sensível*. As propriedades inscritas na musicalidade da Lagoa e do estilo modal condicionam o movimento dessas lições a serem experimentadas em oficinas por professores e alunos. São elas: *O seu bairro na escuta*, *Passeio pelo parque*, *Escuta musical*,

A escola e a comunidade, Percorrendo e criando paisagens, Escutando os seus lugares e A horta.

Essas oficinas foram elaboradas com base em trabalhos e propostas de teóricos, pesquisadores e educadores, como Célestin Freinet (1998), Murray Schafer (2001) e Fritjof Capra (2006), além dos desdobramentos das lições aprendidas com Chico Lucas. Se implementadas com criatividade, essas oficinas suscitarão a construção das paisagens singulares pelos alunos. Que essas novas gerações construam seus próprios lugares, suas próprias estratégias e os seus tempos no turbulento contexto da metrópole.

NOTAS

* Doutorado em Educação – UFRN. E-mail: silmara64@hotmail.com

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria da Conceição Xavier de. **Complexidade e cosmologias da tradição**. Belém: EDUEPA; Natal: UFRN-PPGCS, 2001.
- _____. Educar para a complexidade: o que ensinar, o que aprender. In: **Transdisciplinaridade e complexidade: uma nova visão para a educação no século XXI**. HENRIQUE, Ana Lúcia Sarmento; SOUZA, Samir Cristino de (Org.). Natal: Editora do CEFET-RN, 2005.
- _____. PEREIRA, Wani Fernandes. **Lagoa do Piató**: Fragmentos de uma história. 2ª edição revisada e ampliada. Natal: EDUFERN, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. **Ver a Terra**: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- CAPRA, Fritjof et alii. **Alfabetização ecológica**: A educação das crianças para um mundo sustentável. STONE, Michael K. e BARLOW, Zenobia (Orgs.). São Paulo: Cultrix, 2006.
- _____. Falando a linguagem da natureza: Princípios da sustentabilidade. In: **Alfabetização ecológica: A educação das crianças para um mundo sustentável**. CAPRA, Fritjof et alii. STONE, Michael K. e BARLOW, Zenobia (Orgs.); trad. Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CATUNDA, Marta. Na teia invisível do som: por uma geofonia da comunicação. In **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre: PUCRS. Nº 19. Dez-1998. p. 118-125.
- FREINET, Célestin. **A educação do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- HOLT, Maurice. A idéia da *slow school*: É hora de desacelerar a educação? In: **Alfabetização Ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. CAPRA, Fritjof et alii. STONE, Michael K.; BARLOW, Zenobia (Orgs.). São Paulo: Cultrix, 2006.
- KAMPER, Dietmar. **O trabalho como vida**. CAMPELLO, Cleide R. (Org.). São Paulo: AnnaBlume, 1997.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. A ciência do concreto. In: **Pensamento Selvagem**. São Paulo: Nacional, 1976.
- MARTON, Silmara Lúcia. **Música, filosofia, formação**: Por uma escuta sensível do mundo. Dissertação defendida pelo programa de Pós-graduação em Educação. Natal: UFRN, 2005.
- _____. **Paisagens sonoras, tempos e autoformação**. Tese defendida pelo programa de Pós-graduação em Educação. Natal: UFRN, 2008.
- MORIN, Edgar. **O método III**: O conhecimento do conhecimento. 2ª edição. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- _____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.
- MUNDURUKU, Daniel. **Sobre piolhos e outros afagos**: Conversas ao pé da fogueira sobre o ato de educar (se). São Paulo: Palavra de Índio, 2005.
- PRIGOGINE, Ilya. Carta para as futuras gerações. In: **Ciência, razão e paixão**. CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Orgs.). Belém: EDUEPA, 2001.
- SCHAFER, Raymond Murray. **A afinação do mundo**: Uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- SERRES, Michel. **Hominescências**: O começo de uma outra humanidade? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- SILVA, Francisco Lucas da Silva. **A natureza me disse**. ALMEIDA, Maria da Conceição de; CENCIG, Paula Vanina (orgs.). Natal: Coleção Metamorfose. Editora Flecha do Tempo, 2007.
- VERGANI, Teresa. **A surpresa do mundo**: Ensaios sobre cognição, cultura e educação. SILVA, Carlos Aldemir da; MENDES, Iran Abreu (Orgs.). Natal: Editora Flecha do Tempo, 2003.
- WISNIK, José Miguel. **O som e o sentido**: Uma outra história das músicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.